TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

JESUS CRISTO

ANTONIO MANZATTO

Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manzatto, Antonio
Jesus Cristo / Antonio Manzatto. -- São Paulo : Paulinas, 2019.
-- (Coleção teologia do Papa Francisco)

ISBN 978-85-356-4502-6

1. Francisco, Papa, 1936- 2. Igreja Católica - Doutrina social 3. Jesus Cristo - Ensinamentos 4. Literatura devocional 5. Teologia social I. Título. II. Série.

19-24125 CDD-261.8325

Índice para catálogo sistemático:

1. Francisco, Papa : Teologia social : Cristianismo 261.8325

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª edição – 2019

Direção-geral: Flávia Reginatto
Conselho editorial: Dr. Antonio Francisco Lelo
Dr. João Décio Passos
Ma. Maria Goretti de Oliveira
Dr. Matthias Grenzer
Dra. Vera Ivanise Bombonatto
Editores responsáveis: Vera Ivanise Bombonatto
João Décio Passos
Copidesque: Ana Cecilia Mari
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Gerente de produção: Felício Calegaro Neto
Produção de arte: Tiago Filu

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
http://www.paulinas.com.br – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

A presente coleção Teologia do Papa Francisco resgata e sistematiza os grandes temas teológicos dos ensinamentos do papa reformador. Os pequenos volumes que compõem mais um conjunto da Biblioteca Francisco retomam os grandes temas da tradição teológica presentes no fundo e na superfície desses ensinamentos tão antigos quanto novos, oferecidos pelo Bispo de Roma. São sistematizações sucintas e didáticas; gotas recolhidas do manancial franciscano que revitalizam a Igreja e a sociedade por brotarem do coração do Evangelho.

CONHEÇA OS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

ESPÍRITO SANTO
Victor Codina

IGREJA DOS POBRES
Francisco de Aquino Júnior

IGREJA SINODAL
Mario de França Miranda

ORGANIZAÇÕES POPULARES
Francisco de Aquino Júnior

MÉTODO TEOLÓGICO
João Décio Passos

IGREJA EM DIÁLOGO
Elias Wolff

HOMILIA
Antônio Sagrado Bogaz
João Henrique Hansen

DOUTRINA SOCIAL
Élio Estanislau Gasda

JESUS CRISTO
Antonio Manzatto

INTRODUÇÃO

"Quem dizem os homens que eu sou?" (Mc 8,27). Esta é a pergunta inicial da teologia que quer pensar a realidade de Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado. Ela se torna uma pergunta direta, ocasionando a confissão de fé pessoal que cada um é chamado a dar: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8,29). Faz parte da tradição metodológica da cristologia enfatizar esta questão porque, na verdade, a resposta que se dará constituirá a elaboração cristológica propriamente dita. Nesse sentido, a confissão de fé, que compromete a existência do crente, supõe e realiza sua afirmação cristológica mais básica.

Por isso mesmo pode parecer estranho que se queira colocar ao papa a pergunta que possibilita sua confissão de fé. Pode parecer até desrespeito, no sentido de, ao menos na aparência, colocar-lhe uma questão sobre os fundamentos de sua fé. Mas não se trata absolutamente disso. Não se quer aqui levantar nenhum tipo de dúvida sobre a fé do papa. Outros já apresentaram dúvidas a respeito dos ensinamentos do Papa Francisco, e isso não apenas escandalizou a Igreja mas mostrou ao mundo todo os interesses que se escondem, como sempre se esconderam, por detrás

de discursos de pretensa defesa da tradição. Tais discursos, na verdade, defendem apenas tradicionalismos que fundamentam não apenas modelos de Igreja ultrapassados, mas, sobretudo, privilégios eclesiásticos descabidos em tempos pós-conciliares.

No entanto, a manifestação desses que se opõem a Francisco, e são muitos os que se acobertam em grupos eclesiásticos ou pretensamente eclesiais, ocasionou verdadeiro movimento da Igreja em defesa da pessoa, do pensamento e da atuação do papa. Não era tão comum assim ver teólogos e teólogas de renome no cenário eclesial mundial pronunciando-se, com argumentos teológicos, em defesa do papa e da forma de exercício de seu ministério específico. Aliás, o que se via anteriormente era praticamente o contrário, com muitos e variados questionamentos ao trabalho de teólogos no cenário eclesial, quando não do estabelecimento de processos e punições visando não apenas calar as vozes críticas, mas também instituir um discurso teológico monocórdico, o qual, se não desprezava, omitia as referências ao Concílio Vaticano II.

Criou-se uma espécie de distanciamento entre o discurso magisterial e o trabalho de teólogos e teólogas. Guardou-se, apenas, os trabalhos daqueles que poderiam ser chamados de "teólogos da corte", enquanto os de postura mais progressista ou crítica viam seus trabalhos e pesquisas desprezados ou condenados. O que se pedia era

uma teologia que funcionasse como apologia do magistério, como se a teologia não tivesse a função de pensar de forma crítica e racional os fundamentos da fé e suas consequências na vida da Igreja. Não foram poucos os acontecimentos que geraram, por isso mesmo, mal-estares no mundo da teologia.

Curiosamente, e não sem surpresa, o cenário se inverteu. Aqueles mais conservadores, que queriam que a teologia apenas funcionasse como defesa do magistério, sobretudo o do papa, tornaram-se críticos dos textos, das posturas e das afirmações de Francisco. Outros, exatamente os que guardavam posições mais progressistas, apresentam-se agora como defensores do pensamento do papa. Mas a questão não é apenas eclesiológica, no sentido de defender este ou aquele modelo de Igreja, ou ideológica, no sentido de defender este ou aquele privilégio eclesial ou social. A questão é mais profunda, porque não se detém em referências ao ministério petrino, mas vai além, buscando afirmar fidelidade ao Concílio Vaticano II e, por este caminho, fidelidade ao Evangelho de Jesus. Por isso, o debate traz à luz, mais do que a busca de compreensão do papel ou da função eclesial da teologia, a própria identidade. Porque o que se quer é pensar a natureza própria da teologia que continua sendo *fides quaerens intellectum*, assumindo também sua condição atual de ser *intellecuts amoris*.

Por outro lado, pela mesma razão, muitos querem diminuir o impacto eclesial da postura e dos ensinamentos de Francisco, dizendo tratar-se de um papa que não é bom teólogo, que não é nem mesmo teólogo, talvez um pastoralista, quando muito; que seu pensamento não teria a profundidade ou a amplidão de uma visão mais doutrinal. Com isso, o que se quer é diminuir sua relevância no cenário eclesial, apostando tratar-se de um "papa de passagem", com um pontificado breve e que não precisa deixar marcas mais profundas no cenário histórico da Igreja. Apostam na recuperação de "posturas doutrinais" mais antiquadas, visando à retomada de ideias e ideais ultrapassados, em perspectiva de neocristandade, como a que vimos recentemente. O foco é, mais uma vez, o Vaticano II e as transformações que o Concílio trouxe para a vida da Igreja.

Exatamente por isso, teólogos e teólogas acorrem para apontar os elementos teológicos presentes nos textos e nas palavras de Francisco.[1] Mostram que, mais do que simples catequese, Francisco desenvolve uma teologia bem elaborada, bem articulada, fiel à tradição, ao Vaticano II e, mais importante, a Jesus de Nazaré. É sua fé pessoal, articulada em sintonia com a fé da Igreja, que move seus passos e

---

[1] Por exemplo, Michelina Tenace (Org.). *Dal chiodo alla chiave, la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017; também Walter Kasper, *Papa Francesco, la rivoluzione dela tenerezza e dell'amore*. Brescia: Queriniana, 2015.

comportamentos. Sua postura é pastoral, sim, mas nem por isso menos teológica.

Aliás, esta é outra questão importante a ser colocada. Não são poucos os que valorizam os procedimentos teológicos como sendo importantes e de qualidade, enquanto os comportamentos pastorais são como que menosprezados. Acontece aquilo que estamos mais ou menos acostumados a ver na sociedade: o trabalho intelectual, que seria o da teologia, é muito mais valorizado que o trabalho braçal, que seria o da pastoral. Por isso, posturas pastorais são admitidas, mesmo as mais diversas e, inclusive, algumas progressistas, uma vez que elas mudam e se transformam de acordo com os povos, as culturas e situações históricas. O que se faz na pastoral hoje, pode-se não fazer amanhã. Já com a teologia é outra história, porque ela atinge a compreensão da fé e, por isso, tem um caráter mais perene. Pensa-se que suas posturas são "para sempre" e, portanto, não podem ser mudadas. Faz-se aquela confusão entre a teologia, suas posturas e suas conclusões, e a afirmação da fé, que permanece e deve permanecer apostólica, e o próprio ser de Deus que é eterno.

O exemplo mais claro disso é o próprio Vaticano II. Quando se diz que o Concílio é pastoral, se o admite e se quer mesmo ultrapassá-lo, ainda que por uma volta ao que era anterior. O argumento é exatamente o de que as posturas pastorais variam de acordo com o tempo e a sociedade, e

aquela pastoral de cinquenta anos atrás não é mais possível nem viável atualmente. Porém, quando se diz que o Concílio tem, sim, afirmações e implicações doutrinais, então já não se o admite, argumentando que a doutrina não pode mudar e o Vaticano II tem posturas diferentes daquelas assumidas no Concílio de Trento, por exemplo. Mais uma vez, a questão é assumir ou não o Vaticano II e as novas posturas eclesiais que ele ocasionou e ainda ocasiona.

Na América Latina, como em outros lugares, tal debate já foi ultrapassado de maneira teórica e prática. Percebeu-se como a teologia fundamenta e orienta a vida e a atuação pastoral da Igreja e como esta, em retorno, orienta e fundamenta a elaboração teológica. A ação pastoral não é mera aplicação de princípios, normas ou métodos teológicos ou doutrinais; a pastoral da Igreja, como ensina o Vaticano II, é a ação de cuidar do rebanho de Jesus, o Povo de Deus. Tal cuidado deve se manter em sintonia de fidelidade à fé cristã, e neste sentido a teologia é importante para orientá-lo e fundamentá-lo, mas também deve se manter em sintonia com as realidades atuais do mundo, da história e da sociedade, porque se trata de ação efetiva de cuidado, e não apenas orientações ou afirmações moralizantes. Nesse sentido, a ação pastoral coloca à reflexão teológica questões de compreensão ou de hermenêutica, mas também questões de pertinência histórica, e por isso orienta o desenvolvimento da própria elaboração teológica. O método ver-julgar-agir

manifesta tal realidade de maneira muito clara: enxergar a realidade, elaborar a reflexão e atuar sobre a realidade que, então, se transforma, ocasionando nova situação, nova reflexão e novas ações, que, por sua vez, transformam novamente a realidade, e assim sucessivamente. Teologia e pastoral não são dimensões estáticas ou isoladas, mas guardam profunda relação entre si. Isso o Concílio Vaticano II bem manifestou, a Igreja latino-americana o vivenciou e o Papa Francisco o apresenta para toda a Igreja.

Eis as razões pelas quais não se considera inoportuno ou estranho pensar a cristologia do Papa Francisco. Ela é sua maneira de propor à Igreja atual aquilo que ele mesmo vivencia como compreensão da pessoa de Jesus Cristo, que compromete, a partir da afirmação da fé eclesial, a vida dos crentes, das comunidades e da própria instituição. Neste estudo, limitamos as referências aos textos mais importantes e significativos do Papa Francisco[2] e optamos por fazer blocos de citações para, em seguida, apresentar o desenvolvimento teológico que ocasionam.

---

[2] Os textos fundamentais do Papa Francisco são: *Evangelii Gaudium* (EG), de 2013; *Laudato Si'* (LS), de 2015; *Amoris Laetitia* (AL), de 2016, e *Gaudete et Exsultate* (GE), de 2018. Outros textos menores também são citados, como *Misericordiae Vultus* (MV), de 2015, e *Misericordia et misera* (MM), de 2016; a encíclica *Lumen Fidei* (LF), de 2013, não será citada por não se tratar de um texto exclusivo de Francisco.

1

CRISTOLOGIA DA ENCARNAÇÃO

Um dos pontos mais importantes da cristologia de Francisco é, indubitavelmente, a encarnação; essa verdade tão central na fé cristã e, ao mesmo tempo, tão esquecida ou maltratada! Pensar a realidade da encarnação não é, necessariamente, fazer uma cristologia do alto, como aquela de Bento XVI nos três volumes que compõem sua obra *Jesus de Nazaré*.[1] Como ele, muitos pensadores, na história da Igreja, elaboraram uma reflexão sobre a encarnação a partir da realidade do Verbo de Deus e, por isso, trabalharam mais as condições de possibilidade de sua real encarnação do que os desdobramentos que tal afirmação poderia significar na vida da Igreja e dos fiéis.[2] Diferentemente disso, Francisco faz uma cristologia de baixo, privilegiando a humanidade e a historicidade de Jesus de Nazaré, reconhecido como o Verbo de Deus encarnado. Pensa a realidade da encarnação

---

1 Bento XVI, *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007; Principia, 2011, 2012. 3. vols.

2 Assim, por exemplo, Cirilo de Alexandria e sua atuação no Concílio de Éfeso. Para detalhes sobre a cristologia do alto de Cirilo e de outros Padres da Igreja, Aloys Grillmeier, *Le Christ dans la tradition chrétienne.* Paris: Cerf, 1973.

como referência para influenciar o modo de ser Igreja e viver o cristianismo, na atualidade, a fim de apresentá-la como exigência à maneira de a Igreja se posicionar no mundo e os cristãos viverem a própria vocação.

Encarnação em Francisco

À confissão de fé no Filho de Deus encarnado, àquele que assume a realidade da condição humana corresponderá a necessidade de construir uma Igreja encarnada que assuma como sua a situação da humanidade contemporânea, já que "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (GS 1). Tal é a perspectiva de Francisco, que pensa uma cristologia da encarnação de forma atualizada e a partir do horizonte teológico latino-americano, que constitui um pouco como sua herança. Não se estranha, pois, que ele afirme o horizonte do seguimento de Jesus como aquilo que norteia seu comportamento pessoal e seu ministério, e que ele o proponha como caminho para a Igreja nos próximos anos (EG 1). Torna-se compreensível que, aqueles que se constituem como oposição a Francisco e a seu ministério sejam os continuadores, e nos mesmos argumentos, dos que se opuseram à teologia latino-americana, à *Nouvelle Théologie*, ao Concílio Vaticano II e a tudo aquilo que signifique historicização da fé e da prática cristã.

A importância da encarnação já aparece quando se pensa a relação entre a cristologia e as diversas formas de vivência cristã, sejam as de espiritualidade, sejam as de práticas pastorais, pois se critica a vontade de proclamar a fé em um Cristo meramente espiritual, desprovido da realidade da encarnação, como se essa fosse quase uma mácula ou um defeito na realidade do Filho de Deus que precisaria ser evitada. Quem pensa o Cristo desprovido de humanidade, pensa o comportamento cristão da mesma maneira:

> Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por *écrans* e sistemas que se podem acender e apagar à vontade. Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e as suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

O ambiente da religiosidade popular, tão cara a Francisco, exige concretude, lembra ele. O Cristo se encarnou e a fé cristã também se encarna, e na realidade de vida do

povo simples a concretude da prática de vida é extremamente relevante para a vivência dessa mesma fé:

> As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas (EG 90).

Se o Cristo se encarnou, a Igreja não precisa temer encarnar-se na realidade humana, mesmo com a percepção de que a mesma fé cristã precisa ser anunciada, expressa e celebrada em variadas formas culturais:

> Se for bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. [...] Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico (EG 117).

Em cristologia se diz que a encarnação acontece pela união, na única pessoa de Jesus, das naturezas divina e humana, o que chamamos de "união hipostática". Tal união, uma vez realizada, nunca mais será desfeita, sob pena de se dissolver a realidade pessoal de Jesus. Muita gente, em variadas formas de pressão, se esquece atualmente disso, mas Francisco nos lembra, ao afirmar que a prática cristã precisa ter presente que a encarnação fez com que, de alguma forma e misteriosamente, o Verbo se unisse a todos os seres humanos, possibilitando-lhes o acesso ao Reino: